

Instituições de Memória: o Caso do Memorial Denis Bernardes

Introdução

Tony Macedo (UFPE) - tonybernar@hotmail.com

Resumo:

Apresenta o surgimento das instituições de memória como um recurso para promover de forma igualitária o acesso e o uso das informações registradas em diversos suportes. Assim sendo, faz-se um breve histórico dos elementos utilizados pelo homem para fazer tais registros. Para ilustrar a importância desses lugares, utiliza-se como exemplo o Memorial Denis Bernardes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O Memorial é destinado à preservação, conservação e disseminação da informação científica de natureza histórica produzida na instituição ou de acervos importantes para a cultura do Estado. Seu objetivo é viabilizar o acesso aos conjuntos documentais indispensáveis à reconstituição da memória institucional e da cultura local, visando otimizar o emprego dos recursos tecnológicos necessários para o acesso ao seu conteúdo informacional.

Palavras-chave: *Memória. Memorial Denis Bernardes. Universidade Federal de Pernambuco. Instituições de Memória*

Eixo temático: *Eixo 9: Bibliotecas, Preservação e Memória.(Gestão de Preservação em Bibliotecas; Gestão de Coleções Especiais e Livros Raros; História dos Bibliotecários e da Biblioteconomia no Brasil; Sustentabilidade, preservação e baixo recursos; Democratização, acesso e preservação de acervos patrimoniais).*

Inevitavelmente, quanto mais se acumule do passado, maior será o progresso. (ORTEGA Y GASSET, 2006, p.30)

“Há lugares de memória porque não há mais meios de memória” escreveu Pierre Nora (p.27). As limitações da memória humana levaram o homem, a buscar em recursos externos, as chamadas memórias artificiais. Para isso, foi preciso conceber um sistema de utilização de signos por meio dos quais as ideias eram fixadas em um suporte físico, o que deu origem à escrita, o mais antigo auxílio à memória utilizado pelo homem. Feito inicialmente em placas de argila ou de cera, os registros de memória passaram a ser inscritos nos mais diversos suportes, graças à evolução científica e tecnológica que permitiu ao homem registrar não apenas signos, mas também sons e imagens em movimento.

A necessidade de possibilitar o acesso a esses registros no decorrer do tempo levou à criação das chamadas instituições de memória (OLIVEIRA, 2010). Conforme Nora, os lugares de memória são se limitam aos lugares topográficos, onde podemos situar as bibliotecas e os arquivos, por exemplo. Estes lugares também os são objetos simbólicos tais como bandeiras, monumentos, dicionários. Nora, ainda informa festas e comemorações como exemplos de lugares de memória.

Assim sendo, procurando ser específico, optamos de, ao invés, de utilizarmos o conceito de *lugares de memória* cunhado pelo historiador Pierre Nora e tão amplamente utilizado na Ciência da Informação e nas suas disciplinas basilares: Biblioteconomia e Arqueologia. Utilizamos *Instituições de memória*, termo elaborado por Armando Malheiro, o qual trata de instituições legitimadas, arquivos, bibliotecas e museus, como instituições de memória. E como surgiram estas instituições?

Museus e bibliotecas se tornaram heterotopias onde o tempo não cessa de acumular e que não alcança seu auge. No século XVII, mesmo no final do século, museus e bibliotecas eram a expressão de escolhas individuais. Mas, a ideia de acumular tudo, de estabelecer um tipo de "arquivo geral", o desejo de ter num único lugar, todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos, a ideia de constituir um lugar que congregue todos os tempos que são por si só, fora do tempo e inacessíveis à destruição do tempo, o projeto de organizar, deste modo, um tipo de acumulação perpétua e indefinida do tempo em um lugar imóvel, esta ideia de todo pertence à nossa modernidade. O museu e a biblioteca são heterotopias próprias da cultura ocidental do século XIX. (FOUCAULT, 1984)

A ideia de tudo acumular, como sugeri Foucault é uma atitude anterior ao século XIX, diferente do que defendeu o autor acima. A concentração da

organização do conhecimento humano em local específico é uma prática milenar, como nos informa Le Goff (1996, p.434) “Os reis criam instituições-memória: arquivos, bibliotecas, museus”.

As instituições de memória surgiram como memórias reais nos afirma Le Goff (1996), local onde não havia distinção entre arquivo, biblioteca e museus e este formato chegou até a Idade Média. Ortega (2004) nos informa que “durante a Idade Antiga e a Idade Média, museus, arquivos e bibliotecas constituíam praticamente a mesma entidade, pois organizavam e armazenavam todos os tipos de documentos.”. Arquivos pessoais, particulares, de acesso restrito. Este modelo de custódia do registro do conhecimento humano permaneceu inalterada até a Idade Moderna, quando a produção dos livros tipográficos, entre outros motivos, levou a que as bibliotecas passassem a existir separadamente e a adquirir maior relevância enquanto elemento social. (ORTEGA, 2004).

Le Goff (1996, p.461) nos diz que: “a memória até então acumulada vai explodir na Revolução de 1789, não terá sido ela o seu grande detonador?” Será a Revolução Francesa, segundo Malheiro e Ribeiro (2011, p.21), a patrocinadora das instituições de memória, “A extinção revolucionária das Ordens Religiosas e o ataque à jurisdição espiritual e temporal da Igreja Católica colocaram, na posse directa do Estado Liberal, um acervo de bens materiais que incluía milhares de livros e documentos.” Os autores acrescentam: “O mesmo ocorreu com os domínios senhoriais, tendo associados livrarias e cartórios. Tão vasto caudal de papel e pergaminho exigiu a criação de Bibliotecas e dos Arquivos Nacionais...” Os arquivos dos reis (Le Goff) antes privado e de acesso restrito, tornaram-se, com os ideais da Revolução Francesa público e de acesso livre, “a Lei de 7 de Messidor criou o *Archives Nationales* com a incumbência expressa de que todo o cidadão poderá pedir em todos os depósitos, em dias e horas fixados, o acesso aos documentos aí colocados.” (MALHEIRO, RIBEIRO, 2011, p.21). Os autores completam: “Os Arquivos Públicos abrem-se ao cidadão, mas cedo se tornam lugares de memória para a história, sem perderem, completamente, o cordão umbilical com a instância produtora tutelada pelo Direito e pelo Poder.” (p.22). Abriu-se uma nova fase, diz Le Goff (1996, p.464), a da pública disponibilidade dos documentos da memória nacional.

As instituições de memória nasceram vocacionadas para incorporar a produção intelectual e político-administrativa de um povo, guardam os testemunhos escritos de sua identidade, lugar da memória nacional, espaço da conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico de uma nação para uma partilha coletiva. Com nos diz Baratin e Jacob (2008, p.9) são lugares “de diálogo com o passado, de criação e inovação” e que só fazem sentido, dizem os autores, “como fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira.”

O Memorial Denis Bernardes

Inaugurado em 18 de julho de 2013, o Memorial é uma homenagem ao professor Denis Antônio de Mendonça Bernardes, um dos mais importantes pesquisadores da memória da UFPE e ex-professor do Departamento de Serviço Social, falecido em 2012.

É formado por acervo com várias tipologias documentais: documentos arquivísticos, bibliográficos, audiovisuais, manuscritos e museológicos. Este último é composto por uma coleção de cerâmica - cerca de 200 peças - que pertencia ao professor Ruy da Costa Antunes e foi doada por sua família. O arquivístico contém documentos administrativos das antigas Escolas de Belas Artes e de Medicina; o bibliográfico é formado por parte dos livros das bibliotecas pessoais de Ruy Antunes, Marcos Freire, Joaquim Cardozo, Methodio Maranhão, Coleção de Produção Intelectual da Universidade (PIU) e Coleção Especial. Além disso, constam também *clippings* - recortes de jornais da Assessoria de Comunicação (ASCOM) da UFPE e de Marcos Freire; periódicos diversos e teses e dissertações defendidas na UFPE.

A coleção de manuscritos é composta por correspondências do Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, que foi Senador do Império, e por poemas, sonetos e cadernos de anotações do Padre Daniel dos Santos Lima, ex-professor de Filosofia da UFPE, e que ganhou o prêmio **Alphonsus de Guimaraens da Fundação Biblioteca Nacional 2011** - Categoria: Poesia, divulgando o seu nome nacionalmente e colocando-o no *hall* dos grandes escritores brasileiros do momento. Por fim, o acervo audiovisual é constituído por discos de vinil, fitas cassetes, CDs, DVDs, fitas U-Matic e Betacam do Núcleo de TV e Rádios Universitárias (NTRU), discos que pertenceram ao professor Álvaro Alves Camello, bem como fotografias

da ASCOM e negativos fotográficos em vidro do começo do século XX, que pertenceram ao colecionador pernambucano Fernando Figueiredo.

Considerações finais

Para finalizar, compartilhamos do pensamento de Galindo (2011, p.7) a respeito da memória aplicada à Ciência da informação: o autor nos informa que o termo invoca a ideia de pretérito, mas que esta ideia se faz mais forte no trato de disciplinas como a história, arqueologia e a arquitetura. Na Ciência da Informação, a memória “aproxima-se mais do conotativo de estoque de informação, invocando a condição de registro memorial da herança cultural humana”, nos informa Galindo (2011, p.8). Para o autor a memória produzida ontem tem para a Ciência da informação o mesmo valor como objeto de estudo que registros centenários. E ressalta: “Não cabe a CI a reconstituição do passado histórico memorial, antes busca entender a natureza dos registros e os fenômenos que envolvem a criação, o tratamento e o uso social da informação”. Este também é o pensamento de Meneses (1999, p.15) quando diz que “o tempo da memória é o presente, mas ela necessita do passado. O tempo da memória é o presente porque é no presente que se constrói a memória”. A ideia de memória para além do pretérito também é defendida por Rossi (2010, p.24): “A memória sem dúvida tem algo a ver não só com o passado, mas também com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência no futuro”.

O Memorial Denis Bernardes no cenário apontado acima, não pretende assumir um lugar comprometido apenas com o estoque de registros produzidos pela instituição Universidade Federal de Pernambuco, é antes um ambiente comprometido com o acesso à memória e empenhado com o futuro.

Referências

BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Des espaces autres** Hétérotopias. Architecture, Mouvement, Continuité, Paris, n. 5, p. 46-49, 1984. Disponível em: <<http://foucault.info/documents/heteroTopia/foucault.heteroTopia.fr.html>>. Acesso em: 14 jun 2012.

GALINDO, Marcos. **O domínio da memória: em busca de uma epistemologia específica.** 2011. No prelo.

LE GOFF, J. **História e memória.** 4 ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.

MALHEIRO, Armando; RIBEIRO. **Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da informação.** Recife: Néctar, 2011.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A crise da Memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformações.** In: Silva, Zélia Lopes da (org). Arquivos, Patrimônio e Memória: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história - A problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP.** São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993. Tradução de: Yara Aun Khoury.

OLIVEIRA, Elaine Braga de. **O conceito de memória na Ciência da Informação no Brasil: uma análise da produção científica dos programas de pósgraduação.** 2010. 194p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

ORTEGA, C. D. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, número especial, p. 59-79, 2008. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/899/626>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero** – Revista de Ciência da Informação | 223 Informação, v.5, n.5, out., 2004. Disponível em: . Acesso em: 10 mar. 2012.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do Bibliotecário.** Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória e o esquecimento: seis ensaios da história e das ideias.** São Paulo: UNESP, 2010.